

HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA¹

E. F. K. Koerner
Berlin

RESUMO:

O desenvolvimento da história da linguística como uma atividade científica séria tem uma longa história que pode ser rastreada até aos livros didáticos de meados do século XIX e meados do século XX. É, no entanto, somente desde a década de 1970 que a história da linguística / das ciências da linguagem se tornou uma subdisciplina da linguística, em geral, e um assunto ao qual um aluno iniciante da disciplina seria introduzido como parte integrante da sua educação. Neste artigo distinguem-se e discutem-se quatro abordagens principais para escrever a história da linguística: I, a história de compilação, que apresenta os resultados de procedimentos estabelecidos dentro da disciplina; II, a história revolucionária, concebida como propaganda para um novo paradigma; III, a história construtiva não-partidária, que enfatiza a continuidade e o progresso na disciplina; e IV, a historiografia da linguística, uma abordagem relativamente nova, que procura tratar a história da linguística como um esforço académico no seu próprio direito, podendo também pode informar sobre o trabalho em outras subdisciplinas linguísticas.

PALAVRAS-CHAVE: história vs. historiografia, história dos manuais de ensino, história para uma área especial da linguística, história proselitista, história *whig*, revolução kuhniana, operações *mopping-up*

1 A presente tradução, elaborada por Susana Fontes (Centro de Estudos em Letras da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real) com base no manuscrito fornecido pelo próprio autor, baseia-se na entrada History of linguistics (general entry) em *The encyclopedia of language and linguistics* (Koerner, 1994).

ABSTRACT:

The development of the history of linguistics as a serious scholarly activity has a long history which can be traced in textbooks from mid-19th to the mid-20th century. It is, however, only since the 1970s that the history of linguistics/language sciences has developed into a subdiscipline of linguistics in general and a subject to which the beginning student of the discipline would be introduced as part and parcel of his/her education. In this article four main approaches to writing the history of linguistics are distinguished and discussed: I, the summing-up history, which presents the results of established procedures within the discipline; II, the revolutionary history intended as propaganda for a new paradigm; III, the non-partisan constructive history, which emphasizes continuity and progress in the discipline; and IV, the historiography of linguistics, a relatively new approach that seeks to treat the history of linguistics as a scholarly endeavour in its own right which may also inform work in other linguistic subdisciplines.

KEY WORDS: history vs. historiography, textbook history, history for a special area of linguistics, proselytizing history, Whig history, Kuhnian revolution, mopping-up operations

Uma disciplina alcança a sua maioridade quando contempla seriamente o seu próprio passado. A **história da linguística** – agora também frequentemente chamada de ‘História das Ciências da Linguagem’ – constitui-se como uma tentativa para evitar uma visão redutora da ‘ciência linguística’. Enquanto disciplina *bona fide* de investigação académica (sobre a qual podem ser desenvolvidas teses de doutoramento, por exemplo), a história da linguística começou apenas a desenvolver-se durante os finais dos anos sessenta, embora este trabalho já tenha sido levado a cabo em departamentos de Estudos Germânicos, Românicos, ou Eslavos, onde, por vezes, tais pesquisas foram realizadas para delinear o caminho que uma determinada área tinha seguido ou a evolução de uma ideia específica ou de um projeto de investigação. Tem sido habitual, pelo menos desde a década de 1880, acrescentar uma introdução histórica em livros escolares sobre linguística, mas normalmente o objetivo passou por mostrar a importância de avanços recentes na área comparativamente a esforços anteriores. Durante os anos 1960, a seguir a várias reivindicações feitas por Chomsky de que as suas teorias tiveram pouco a ver com as atividades dos seus antecessores imediatos e dos seus contemporâneos, mas, em vez disso, seguiam tradições bastante diferentes, tais como as da gramática de Port Royal e de Wilhelm von Humboldt,

a maior parte das teses de doutoramento desenvolvidas no âmbito da história da linguística era dedicada somente a estas áreas de interesse, distorcendo, por vezes, seriamente a verdadeira intenção e propósito destes autores anteriores. Só a partir dos anos 1970, a seguir à criação da primeira revista desta área, em 1973, intitulada *Historiographia Linguistica*, e na sequência de várias séries de monografias compiladas sob a designação abrangente de ‘Amsterdam Studies in the Theory and History of Linguistic Science’, começaram a surgir obras sérias que desafiavam este tipo *pro-domo* da escrita da história. Estas e outras atividades organizadas (veja-se abaixo) conduziram ao muito mais recente campo de estudos, agora geralmente chamado de **historiografia linguística**, uma abordagem da história da linguística que tem consciência das exigências metodológicas e epistemológicas que estão presentes numa escrita da história adequada em linguística, como acontece em qualquer outra ciência (A maioria das contribuições para a obra de dois volumes intitulada *Historiography of linguistics* [1975], editada sob a direção geral de Thomas A. Sebeok, foi constituída por pouco mais do que estudos baseados em investigações anteriores, sendo aqui a ‘historiografia’ usada no sentido tradicional do termo. O volume editado por Parret, em 1976, seguiu largamente a linha chomskiana de utilizar incorretamente a história da linguística para razões ‘políticas’).

É verdade que podíamos talvez falar de uma tradição de 200 anos de escrita da história da linguística, talvez a começar com o *Tableau des progrès de la science grammaticale* (1796, cf. Andresen 1978) de François Thurot (1768-1832), embora várias obras anteriores já tenham sido citadas, por exemplo o *Versuch einer Historie der deutschen Sprachkunst* (1747), de Elias Caspar Reichard (1714-1791) (cf. Koerner 1978c para referências a outras obras do século XVIII). Porém, como sugerem as fontes (Koerner 1978c: 1-4), é apenas a partir de finais da década de 1860 que surge um tipo de tratamento mais profundo da história da linguística, do qual a *Geschichte der Sprachwissenschaft* (1869), de Theodor Benfey (1809-1881) pode ser considerada como o exemplo mais paradigmático. Este trabalho tinha sido precedido pela obra de Heymann Steinthal (1823-1899), de 1863, que procurou substituir os três volumes de *Die Sprachphilosophie der Alten* (1838-1841) de Laurenz Lersch (1811-1849), mas que só trata das contribuições da Grécia e Roma para o pensamento linguístico. A história da linguística de Benfey foi seguida por outras obras influentes, tais como Raumer (1870), Delbrück (1882 [1880]) e Bursian (1883), que, porém, eram mais limitados no seu escopo. O mesmo poder-se-ia dizer de livros como o de Thomsen (1902; tradução alemã, 1927), Delbrück (1904), Trabalza (1908), Jellinek (1913), Pedersen (1916; tradução inglesa, 1983), Pedersen (1924;

tradução inglesa, 1931), Drăganu (1945; tradução italiana, 1970) ou Robins (1951) da primeira metade do século XX (para uma descrição mais detalhada destes livros, cf. Koerner 1978c).

Nos anos sessenta, surgiram novos esforços e, por vezes, estudos mais profundos na história da linguística, a começar talvez com a obra de Paul Diderichsen (1905-1964), sobre o seu compatriota Rask (1960, tradução alemã, 1976). Seguiram-se obras como as de Ivić (1963; tradução inglesa, 1965), Leroy (1963; tradução inglesa, 1967), Tagliavini (1963), Malmberg (1964), Lepschy (1966; tradução inglesa, 1970), Mounin (1967), Robins (1967), Coseriu (1969, 1972), Helbig (1970), Szemerényi (1971), Jankowsky (1972), e outros (veja-se Koerner 1978c para uma lista completa). No entanto, a maioria deles baseou-se, sem uma perspectiva crítica, em relatos anteriores e raramente se aventurou em questões de método historiográfico ou tocou em assuntos relacionados com a filosofia da ciência, excetuando-se talvez uma referência popular à *Structure of scientific revolutions* (1962) de Kuhn.

Ao olhar para os últimos cerca de 140 anos de escrita da história sobre a linguística, é possível distinguir três tipos distintos, cada um deles associado a motivos diferentes para se ocupar de uma atividade destas, para além de ocorrerem em períodos específicos no desenvolvimento da disciplina. Um quarto tipo (defendido por Koerner 1976, por exemplo) começou apenas a desenvolver-se nas décadas mais recentes (cf. a entrada **historiografia linguística**, para detalhes).

I Primeiro, há um tipo de história, escrito numa altura quando uma geração particular ou um indivíduo, que de forma significativa representa as ideias, convicções e compromissos da sua geração, está convencido de que uma meta desejada foi alcançada e que o trabalho subsequente na área será dedicado principalmente àquilo a que Thomas S. Kuhn (1970: 24) chamou ‘mopping-up operations’. Estes relatos pressupõem que o quadro teórico já tenha sido suficientemente delineado para que um membro ordinário da comunidade científica possa conduzir as suas investigações, para além de significar que já não há qualquer necessidade de uma revisão essencial da metodologia ou da abordagem ao tema em análise. Estas eram histórias de compilação que encaravam a evolução da área como tendo crescido de uma forma mais ou menos unilinear.

Esta ideia ou o motivo para escrever tal tipo de história parece ter a sua melhor expressão na volumosa *Geschichte der Sprachwissenschaft und orientalischen Philologie* (1869) de Benfey, que apareceu um ano depois da morte prematura de Schleicher, mas também é exemplificado pela *Geschichte der germanischen Philologie* (1870) de Raumer. Hoje em dia, torna-se difícil recriar o ambiente dos finais da década de 1860, mesmo que nos limitemos a assuntos

linguísticos, deixando fora de consideração as correntes externas, como por exemplo as sociopolíticas, as histórias disponíveis atualmente fornecem-nos muito pouca, ou nenhuma informação, acerca deste período pré-neogramático. Basta lembrar que as obras de Bopp, Rask, Grimm, e outros foram suficientemente sintetizadas e metodologicamente desenvolvidas pela geração de Georg Curtius (1820-1885) e, especialmente, August Schleicher (1821-1868), a ponto de podermos dizer que ocorreu naquele tempo uma mudança de ‘paradigma’, da qual os princípios neogramáticos da investigação linguística histórica, associados aos nomes dos seus antigos alunos, nomeadamente Karl Brugmann (1849-1919) e August Leskien (1840-1916), constituiriam, ainda que um pouco exagerado, o resultado lógico.

Uma observação semelhante, assim parece, poderia ser feita sobre a história de Pedersen, de 1924, sobre os sucessos dos indo-europeístas do século XIX, precedida por um relato semelhante e um pouco mais breve da sua primeira história, publicada em 1916 (cf. Pedersen 1931 e 1983, para as respetivas traduções inglesas), o ano da conclusão da segunda edição do *Grundriss* de Brugmann e Delbrück, como também o aparecimento do *Cours* póstumo de Saussure. A sensação da necessidade de uma tal história de compilação está expressa, mais claramente, na volumosa *Geschichte der indogermanischen Sprachwissenschaft seit ihrer Begründung durch Franz Bopp* de Wilhelm Streitberg (1864-1925). No entanto, trata-se mais de uma síntese do trabalho desenvolvido nos vários ramos da filologia indo-europeia daquele tempo do que uma verdadeira história da linguística (para mais detalhes, leia-se Koerner 1978c: 16-17). Tendo começado em 1916, este trabalho seria abandonado depois de 1936.

Após a Segunda Guerra Mundial, parece que as histórias de Malmberg (1964), Ivić (1965), Leroy (1963) e outros cumpriram uma função semelhante de resumir resultados alcançados anteriormente nas ciências da linguagem. Nesta altura, o foco da atenção situava-se no período pós-1916 da história da linguística, seguindo-se à história de sucesso do *Cours* de Saussure, com a sua ênfase numa abordagem não-histórica à língua. O quadro neogramático de investigação linguística foi proposto nas histórias de Pedersen, nos esforços organizacionais de Streitberg a partir de 1916 e noutros livros menos influentes. Pedersen, um neogramático da segunda geração, reflete a suposta ‘data-orientation’ daquela escola mais enfaticamente do que o grupo original de investigadores (note-se que nem a *Einleitung* de Delbrück nem o *Prinzipien* de Paul são mencionados no seu estudo de 300 páginas de 1924).

Foi apenas recentemente que os neogramáticos receberam um tratamento mais adequado (Jankowsky 1972, Einhauser 1990). Do mesmo modo, as histó-

rias de Malmberg, Ivić, Leroy e outros estudos semelhantes dos anos sessenta apresentam as tendências pós-saussureanas como os feitos mais significativos da disciplina até hoje, quer sejam da escola de Copenhage, Praga ou de Bloomfield. Como o que Benfey, Raumer, Pedersen, Streitberg e outros tinham feito para uma fase anterior no desenvolvimento da linguística, o seu esforço visava em larga medida a apresentação de um quadro de investigação no qual eles próprios tinham sido criados, sendo ainda, possivelmente, uma tentativa de reter a força e o impacto do modo estruturalista de pensamento.

II. O segundo tipo da atividade de escrita da história pode ser caracterizado pela intenção, por parte de um indivíduo normalmente nos seus trinta anos (não com quarenta ou mais, como geralmente acontece no primeiro tipo), novamente representando um grupo particular, com a intenção de lançar uma campanha para se opor a visões anteriormente apreciadas e a doutrinas ainda em vigor. Deste modo, em contraste com Benfey (1869), por exemplo a obra *Einleitung* (1880), de Berthold Delbrück (1842-1922), juntamente com a obra *Prinzipien*, de Paul, do mesmo ano, serviram como porta-vozes a uma nova geração de investigadores, ansiosos por demonstrarem que as suas conquistas ultrapassaram significativamente os êxitos anteriores no campo e que as suas teorias substituíram legitimamente as ensinadas pela geração anterior de linguistas. A reivindicação a favor da descontinuidade é o que caracteriza este tipo de atividade e o livro de Delbrück é o melhor exemplo deste esforço. Normalmente, Schleicher era descrito por Delbrück (1882: 55) como representando a conclusão da fase da gramática histórica-comparativa, inaugurada por Franz Bopp em 1816, e os *Junggrammatiker*, com os quais se associou nos inícios da sua carreira (logo depois de ter recebido a cadeira de Schleicher na Universidade de Jena em 1873), como marcando uma nova viragem decisiva na área.

Nenhuma história comparável da linguística foi escrita na década de 1930 ou 1940 no que respeita ao estruturalismo, mas um olhar sobre *Language* (1933) de Bloomfield ou sobre *Foundations of language* (1939) de Gray claramente sugere que os capítulos dedicados à história da linguística foram uma tentativa de corrigir o desenvolvimento da disciplina e de documentar a superioridade da abordagem estruturalista em relação a qualquer outra teoria ou método que surgiu até agora. Este esforço para provar que as abordagens anteriores seriam insuficientes e inadequadas não foi de forma alguma esquecido pelos seguidores de uma visão atual do pensamento linguístico. Pelo contrário, pode facilmente ser mostrado que os seus defensores não só estiveram ansiosos em reavivar o interesse pela história da linguística, mas também em reescrevê-la de maneira que as ideias da geração anterior à atual parecessem menos dignas de atenção.

De facto, o que C. F. Voegelin, em 1963, felizmente denominou de ‘eclipsing stance’, aspeto que a gramática generativa-transformacional já tinha iniciado, foi ilustrado de melhor forma pelo próprio Noam Chomsky, por exemplo na sua conferência plenária em 1962, no *Ninth International Congress of Linguists*, realizado em Cambridge, Massachusetts (Chomsky 1964). Pouco tempo depois, muitos dos seus seguidores empenharam-se ardentemente em escrever a sua visão particular da história (compare-se os artigos de Dingwall 1963, Bach 1965 ou Bierwisch 1966). Mais recentemente, Frederick Newmeyer publicou um livro que constitui o melhor exemplo, até à data, deste tipo “whiggish” de escrita da história *pro-domo*. A obra seleciona e reinterpreta a investigação linguística passada com o objetivo de provar a ideia do autor de que a linguística só se constituiu enquanto ciência em 1955 ou em 1957, e por Chomsky, e que o trabalho anterior era totalmente inadequado, exceto algumas abordagens menos importantes que anunciavam uma revolução na área (cf. Koerner 1983, para uma avaliação crítica deste tipo de atividade). A obra *Linguistics in America* (1980) de Newmeyer apareceu exatamente cem anos depois da *Einleitung* de Delbrück e as semelhanças entre os seus autores são surpreendentes: ambos tinham menos de 40 anos quando escreveram os seus livros, estavam principalmente interessados em sintaxe e não fonologia e nenhum deles tinha feito o seu doutoramento nos respetivos centros das escolas, cuja história de sucesso eles representaram.

Enquanto o primeiro tipo de escrita da história pode parecer mais benigno, uma vez que parece representar relatos objetivos (embora não devêssemos ter demasiada certeza quanto a isto), o segundo tipo de história da linguística poderá ser mais bem descrito pela sua natureza propagandística, sendo o melhor exemplo deste tipo a obra *Cartesian linguistics* (1966) de Chomsky. Este livro apresenta o ponto de vista do autor relativamente às origens das suas próprias teorias de forma tão brilhante que muitos jovens estudantes da linguagem foram levados por esta nova visão da história. Hoje em dia, enquanto ainda descobrimos uma quantidade considerável de informação útil nas histórias escritas com a finalidade de resumir o trabalho anterior desenvolvido na área, como por exemplo os trabalhos de Benfey, Raumer, Pedersen e outros, se bem que tenhamos bastante consciência dos seus preconceitos e das suas imperfeições (para uma avaliação destes trabalhos, cf. Hoeningwald 1986 e Koerner 1990), as histórias da segunda categoria, embora escritas muito mais recentemente, já estão ultrapassadas. Parece que, ao conseguir o propósito propagandístico de alcançar seguidores para a nova ideologia, todo o restante rapidamente perde o seu interesse inicial e o aparente valor informativo.

III. Há um terceiro tipo de história da linguística que nem pretende defender um quadro específico ou ‘paradigma’, nem tenta apresentar um argumento a favor de uma revolução científica dentro da disciplina. Este tipo pode ocorrer em qualquer momento do desenvolvimento de um campo específico de investigação, uma vez que a sua intenção final é menos partidária do que nos outros dois casos e tem frequentemente uma atitude mais holística, embora a motivação para o trabalho possa ser bastante pessoal. Na minha opinião, o melhor exemplo é a obra *Sprachwissenschaft* (1955) de Arens, na qual foi feita uma tentativa para delinear o desenvolvimento do pensamento linguístico ocidental, desde o início das discussões entre os Gregos acerca da natureza da linguagem, até ao trabalho linguístico contemporâneo, certamente para demonstrar que a nossa disciplina não só percorreu um longo caminho para consolidar os conhecimentos agora apreciados e os métodos desenvolvidos, mas também que todos nós nos baseamos, conscientemente ou não, nos resultados das gerações anteriores de linguistas, e que devemos muito mais a estes estudiosos do que ao todo talvez nos possamos aperceber.

Se esta terceira forma de apresentar a história da linguística poderia ter sido o resultado de uma escolha individual, na verdade, parece expressar o esforço de uma geração inteira de investigadores, particularmente na reconstrução de uma disciplina depois da sua destruição quase total após uma guerra mundial. Deste modo, o livro de Pedersen, de 1931, poder-se-á incluir na terceira categoria, na medida em que procurou restabelecer uma tradição linguística que, na sua opinião, deveria ter continuado a servir como uma base sólida para o trabalho subsequente neste campo.

Indubitavelmente, outros motivos, frequentemente não-linguísticos, desempenharam um papel na apresentação da história da disciplina de uma maneira ou de outra. Assim, deveria ser recordado que determinadas condições socioeconómicas, acontecimentos históricos ou situações políticas tiveram frequentemente uma influência considerável na motivação de escrever a história de uma disciplina específica ou na aceitação de um quadro teórico de investigação ou modo de pensamento aparentemente novos – e, a este nível, as histórias da linguística não conseguiram consciencializar-nos do impacto de assuntos ou acontecimentos fora da área.

As obras de Benfey e Raumer, por exemplo, foram altamente incentivadas pela ascensão do nacionalismo alemão e pela aspiração a uma unidade nacional, se não superioridade. Do mesmo modo, Malkiel (1969: 557) observou apropriadamente que o sucesso do *Cours* de Saussure

[...] cannot be properly measured without some allowance for the feelings of that time: The acceptance of the leadership of a French-Swiss genius connoted for many Westerners then opposed to Germany a strongly desired, rationalized escape from the world of Brugmann, Leskien, Osthoff, and Paul.

IV. Apesar do respeito que os investigadores podem ter por trabalhos do terceiro tipo, como exemplificado pela *Problemgeschichte* de Arens, alguns sentiram a necessidade de um quarto tipo de escrita da história (cf. Koerner 1976 e Simone 1975), que consistia na apresentação do nosso passado linguístico como uma parte integrante da própria disciplina e, ao mesmo tempo, como uma atividade fundada em princípios bem definidos, que pode competir, em termos de solidez do método e rigor de aplicação, com os da própria linguística. Este quarto tipo, hoje normalmente designado de ‘historiografia linguística’, reivindica que a história da linguística não deveria ser meramente subserviente à disciplina, mas deveria assumir uma função comparável à da história da ciência para o cientista das ciências naturais. Em síntese, ao reconhecer a importante distinção entre crônica e história, atribuída a Benedetto Croce, os recentes investigadores que contribuíram para a história da linguística deram um passo à frente ao distinguir história e historiografia. Esta é, em parte, uma tentativa para deixar claro o afastamento relativamente ao trabalho anterior desenvolvido na área, que muito frequentemente tendiam a ser ‘histórias partidárias’, ou aquilo que Henry Butterfield denominou de ‘Whig-histories’, e em parte porque as histórias anteriores não proporcionavam um guia útil para o tratamento adequado de acontecimentos passados na história das ciências da linguagem, não conseguindo, por isso, oferecer uma melhor percepção do rumo para onde as teorias atuais nos podem levar.

Outro sinal de que a história da linguística se tornou uma área de atividade científica mais madura é a sua profissionalização. Em 1978, o primeiro *International Conference on the History of the Language Sciences* (ICHoLS) teve lugar em Ottawa, Canadá, no mesmo ano em que a *Société d’Histoire et d’Épistémologie des Sciences du Langage* (S.H.E.S.L.) foi fundada em Paris. Em 1984, a *Henry Sweet Society for the History of Linguistic Ideas* (HSS) foi estabelecida em Oxford, desde então, surgiram várias sociedades semelhantes internacionais e regionais, como por exemplo a *North American Association for the History of the Language Sciences* (NAAHoLS), que foi criada em 1987. Entretanto, decorreram outros encontros do ICHoLS: em 1981 (Lille, França), 1984 (Princeton, NJ), 1987 (Trier, Alemanha), 1990 (Galway, Irlanda), 1993 (Washington, DC), 1996 (Oxford), 1999 (Paris), 2002 (São Paulo, Brasil), 2004

(Urbana Champaign, E.U.A.), 2008 (Potsdam, Alemanha) e 2011 (St. Petersburg, Rússia), com a 13.^a edição programada para agosto de 2014 (Vila Real, Portugal). Além da *Historiographia Linguistica*, surge em Paris, em 1979, uma revista com objetivos semelhantes, intitulada *Histoire - Épistémologie - Langage*, sendo lançada, mais recentemente, em 1991, em Münster, Alemanha, uma terceira revista designada *Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft*. Em suma, se a profissionalização desta área se constituir como indicador, a história da linguística tornou-se um campo de investigação científica extremamente reconhecido e praticado.

Referências bibliográficas

- Allan, Keith (2009): *The Western Classical Tradition in Linguistics*. Second (expanded) edition. London; Oakville: Equinox (Equinox Textbooks and Surveys in Linguistics). [primeira edição 2007]
- Andresen, Julie T[etel] (1978): “François Thurot and the First History of Grammar”. In: *Historiographia Linguistica* 5/1-2, 45-57.
- Arens, Hans (1955): *Sprachwissenschaft: Der Gang ihrer Entwicklung von der Antike bis zur Gegenwart*. Freiburg; München, Verlag Karl Alber (Orbis academicus: Geisteswissenschaftliche Abteilung; 6). [segunda edição 1969]
- Bach, Emmon (1965): “Structural Linguistics and the Philosophy of Science”. In: *Diogenes* 51, 111-28.
- Benfey, Theodor (1869): *Geschichte der Sprachwissenschaft und orientalischen Philologie in Deutschland seit dem Anfange des 19. Jahrhunderts, mit einem Rückblick auf die früheren Zeiten*. München: Literarisch-artistische Anstalt der J. G. Cotta'schen Buchhandlung (Geschichte der Wissenschaften in Deutschland: Neuere Zeit; 9). [reedição: New York: Johnson, 1965]
- Bierwisch, Manfred (1966): “Strukturalismus: Geschichte, Probleme und Methoden”. In: *Kursbuch* 5, 77-152. [tradução inglesa 1971]
- Bierwisch, Manfred (1971): *Modern Linguistics: Its development, methods and problems*. The Hague: Mouton (Janua linguarum: Series Minor; 110).
- Bynon, Theodora / Palmer, Frank R. (eds.) (1986): *Studies in the History of Western Linguistics*. Cambridge; New York; Melbourne; Madrid; Cape Town; Singapore; São Paulo; Delhi; Dubai; Tokyo: Cambridge University Press.
- Chomsky, Noam (1964): *Current Issues in Linguistic Theory*. The Hague: Mouton (Janua Linguarum: Series Minor; 38). [quinta impressão 1970]
- Chomsky, Noam (1966): *Cartesian Linguistics: A Chapter in the History of Rationalist Thought*. New York; London: Harper & Row.

- Delbrück, Berthold (1880): *Einleitung in das Sprachstudium: Ein Beitrag zur Methodik der vergleichenden Sprachforschung*. Leipzig: Druck und Verlag von Breitkopf und Härtel (Bibliothek indogermanischer Grammatiken; 4). [segunda edição 1884; terceira edição 1893]
- Delbrück, Berthold (1882): *Introduction to the Study of Language: A critical survey of the history and methods of comparative philology of Indo-European languages*. Authorized translation by Eva Channing, with a preface by the author. Leipzig: Breitkopf and Härtel. [reedição com introdução de E.F.K. Koerner, Amsterdam: John Benjamins, 1974, 1989]
- Delbrück, Berthold (1974): *Introduction to the Study of Language: A critical survey of the history and methods of comparative philology of Indo-European languages (Leipzig, 1982)*. With a foreword and a selected bibliography by E.F.K. Koerner. Amsterdam: John Benjamins (Amsterdam Classics in Linguistics 1800-1925; 8). [reedição: 1989]
- Dingwall, William Orr (1963): “Transformational Grammar: Form and theory. A contribution to the history of linguistics”. In: *Lingua* 12/3, 233-275.
- Einhauser, Eveline (1989): *Die Junggrammatiker: Ein Problem für die Sprachwissenschaftsgeschichtsschreibung*. Trier: WVT Wissenschaftlicher Verlag Trier.
- Hoenigswald, Henry M. (1986): “Nineteenth-Century Linguistics on Itself”. In: Bynon / Palmer (1986: 172-188).
- Ivić, Milka (1963): *Pravci u lingvistici*. Ljubljana: Driavna Založba Slovenije.
- Ivić, Milka (1965): *Trends in Linguistics*. Translated by Muriel Heppell. The Hague: Mouton. [original servocroata: Ivic (1963)]
- Jankowsky, Kurt R. (1972): *The Neogrammarians: A re-evaluation of their place in the development of linguistic science*. The Hague; Paris: Mouton (Janua Linguarum. Series Minor; 116).
- Koerner, E.F.K. (1971): “Ferdinand de Saussure: Origin and development of his linguistic theory in western studies of language, a critical evaluation of Saussurean principles and their relevance to contemporary linguistic theories”. Tese de doutoramento. Vancouver: Simon Fraser University, em: <http://summit.sfu.ca/item/2954> (última consulta: DATA). [versão impressa: Braunschweig: Vieweg (1973)]
- Koerner, E.F.K. (1973): *Ferdinand de Saussure: Origin and development of his linguistic thought in western studies of language, A contribution to the history and theory of linguistics*. Braunschweig: Friedr. Vieweg & Sohn Verlagsgesellschaft. [tradução espanhola: Madrid: Gredos, 1982; tradução japonesa: Tokyo: Taishukan, 1982; tradução húngara: Budapest: Tankönyvkiadó, 1982]

- Koerner, E.F.K. (1976): "Towards a Historiography of Linguistics: 19th and 20th Century Paradigms". In: Parret (1976: 685-718). [reedição revista de Koerner (1972)]
- Koerner, E.F.K. (1978a): *Toward a Historiography of Linguistics: Selected essays*. Foreword by R[obert] H[enry] Robins. Amsterdam: John Benjamins (Studies in the History of the Language Sciences; 19).
- Koerner, E.F.K. (1978b): "The Importance of Linguistic Historiography and the Place of History in Linguistic Science". In: Koerner (1978a: 63-69).
- Koerner, E.F.K. (1978c): *Western Histories of Linguistic Thought: An annotated chronological bibliography 1822-1976*. Amsterdam: John Benjamins (Studies in the History of the Language Sciences; 11).
- Koerner, E.F.K. (1983): "The Chomskyan 'Revolution' and Its Historiography: A few critical remarks". in: *Language & Communication* 3/2, 147-169. [reedição: Koerner (1989: 101-146)]
- Koerner, E.F.K. (1989): *Practicing Linguistic Historiography: Selected essays*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins (Studies in the History of the Language Sciences; 50).
- Koerner, E.F.K. (1990): "Continuities and Discontinuities in the History of Linguistics". In: Bahner / Schildt / Viehweger (1990, III: 2649-2656). [reedição: Koerner (1989: 1-12)]
- Koerner, E.F.K. (1994): "History of Linguistics [general entry]", in: Asher R[onald] E. /Simpson, J[ames] M. Y. (eds.): *The Encyclopedia of Language and Linguistics*, vol. III, Oxford; New York: Pergamon Press, 1581-1584.
- Koerner, E.F.K. (1995): *Professing Linguistic Historiography*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins (Studies in the History of the Language Sciences; 79).
- Koerner, E.F.K. (1999a): *Linguistic Historiography: Projects & prospects*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins (Studies in the History of the Language Sciences; 92).
- Koerner, E.F.K. (2002): *Toward a History of American Linguistics*. London & New York: Routledge.
- Koerner, E.F.K. (2004): *Essays in the History of Linguistics*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins (Studies in the History of the Language Sciences, 104).
- Kuhn, Thomas S. (1962) *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: University of Chicago Press [segunda edição acrescentada: 1970]
- Kuhn, Thomas S. (21970): *The Structure of Scientific Revolutions*. Second Edition, Enlarged. Chicago: University of Chicago Press (International Encyclopedia of Unified Science; 2/2). [terceira edição: 1996]

- Lepschy, Giulio C. (ed.) (1990, 1994): *Storia della linguistica*. 3 vols. Bologna: Il Mulino.
- Lepschy, Giulio (ed.) (1994-1998): *History of Linguistics*. 4 vols. London / New York: Longman.
- Leroy, Maurice (1963): *Les grands courants de la linguistique moderne*. Brussels: Presses University de Bruxelles. [segunda edição 1971]
- Malkiel, Yakov (1969b): “History and Histories of Linguistics”. In: *Romance Philology* 22/4, 530-566, 573-574. [reedição: Malkiel (1983: 49-83)]
- Malmberg, Bertil (1959): *Nya vägar inom språkforskningen: En orientering i modern lingvistik*. Stockholm: Läromedelsförlagen.
- Malmberg, Bertil (1964): *New Trends in Linguistics: An orientation*. translated from the Swedish original by Edward Carney; Stockholm; Lund: Naturmetodens Språkinstitut (Bibliotheca Linguistica; 1). [tradução do original sueco de Malmberg (1959)]
- Malmberg, Bertil (1991): *Histoire de la linguistique: Sumer à Saussure*. Paris: Presses Universitaires de France (Collection Fondamental).
- Newmeyer, Frederick J. (¹1980): *Linguistic Theory in America: The First Quarter Century of Transformational Generative Grammar*. New York: Academic Press. [segunda edição revista 1986]
- Newmeyer, Frederick J. (¹1986): *The Politics of Linguistics*. Chicago: University of Chicago Press. [reedição: 1988]
- Newmeyer, Frederick J. (1996): *Generative Linguistics: A historical perspective*. London; New York: Routledge (Routledge History of Linguistic Thought Series).
- Parret, Herman (ed.) (1976): *History of Linguistic Thought and Contemporary Linguistics*. Berlin; New York: Walter de Gruyter (Foundations of Communication).
- Paul, Hermann (¹1880): *Principien der Sprachgeschichte*. Halle: Max Niemeyer. [segunda edição revista e aumentada 1886, quinta edição 1920]
- Paul, Hermann (²1890): *Principles of the History of Language*. Translated from the second edition of the original by H. A. Strong. London; New York: Longmans, Green and Company; Macmillan. [reedição: College Park, Md.: McGrath, 1970]
- Paul, Hermann (³1898): *Prinzipien der Sprachgeschichte*, Halle a. S.: Max Niemeyer. [onserve-se a mudança gráfica no título (*Prinzipien* em vez de *Principien*; quarta edição 1909; quinta edição 1920)]

- Pedersen, Holger (1924): *Språkvetenskapen under nittonde århundradet, metoder och resultat: bemyndigad översättning frändanskan*. Stockholm: Kungl. Boktryckeriet P. A. Norstedt & Söner.
- Pedersen, Holger (1931): *Linguistic Science in the Nineteenth Century*. authorized translation from the Danish by John Webster Spargo. Cambridge, Mass.: Harvard University Press. [reedição: 1962]
- Pedersen, Holger (³1962): *The Discovery of Language: Linguistic Science in the Nineteenth Century*. translated by John Webster Spargo. Bloomington, Ind.: Indiana University Press.
- Pedersen, Holger (1983): *A Glance at the History of Linguistics, with particular regard to the historical study of phonology*. Translated by Caroline C. Henriksen. With an introduction by E.F.K. Koerner. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins (Studies in the History of the Language Sciences; 7).
- Raumer, Rudolf von (1870): *Geschichte der germanischen Philologie*. München: R. Oldenbourg (Geschichte der Wissenschaften in Deutschland: Neuere Zeit; 9). [reedição: New York: Johnson, 1965]
- Robins R[obert] H. (1967): *A Short History of Linguistics*. Bloomington, Ind.; London: Indiana University Press; Longman.
- Robins R[obert] H. (²1979a): *A Short History of Linguistics*. London: Longman. [primeira edição 1967, terceira edição 1990]
- Robins R[obert] H. (¹1979b): *Pequena História da Linguística*. Tradução de Luiz Martins Monteiro de Barros do original inglês. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- Sebeok, Thomas A. (ed.) (1975, XIII): *Current Trends in Linguistics*. Vol. XIII: *Historiography of Linguistics*. The Hague: Mouton.
- Simone, Raffaele (1975): “Theorie et histoire de la linguistique”. In: *Historiographia Linguistica*-2/3, 353-378.
- Streitberg, Wilhelm (Hrsg.) (1916-36): *Geschichte der indogermanischen Sprachwissenschaft seit ihrer Begründung durch Franz Bopp*. 6 Bände. Strassburg: Karl J. Trübner. [mais tarde Berlin: Walter de Gruyter]

Nota do editor: excepcionalmente, mantiveram-se neste texto as normas de referência bibliográfica escolhidas pelo autor.